

Caridade e Justiça em José Saramago

*por Oswaldo Kickhofel**

Li nas minhas últimas férias, na praia, **A Caverna**, de José Saramago, romance de ficção e analogia que encontrei por acaso numa banca de jornal. Já quase no fim da agradável leitura, deparei-me com uma frase que chamou minha atenção mais que outras: "O amor une, mas não a todos, e pode até suceder que os motivos de uns para a união sejam precisamente os motivos de outros para a desunião".

Isso quer dizer que não podemos amar todas as pessoas ao mesmo tempo. Amar a todo é algo utópico e irreal. Ou será que não existe também ódio e desamor entre os membros das comunidades cristãs? Que são, afinal, as divisões entre as igrejas e as desavenças nas paróquias e dioceses senão manifestações dessa ausência de amor a que se refere o laureado escritor português? E exemplos de separações entre os cristãos não faltam. Basta citar apenas três grandes rupturas na história do Cristianismo Ocidental: o Cisma do Oriente em 1054, a Reforma do Século XVI, a Reforma Inglesa. E nem precisamos ir tão longe. Aqui entre nós, episcopais anglicanos do Brasil, tivemos o caso do Rev. Salomão Ferraz em 1936 e a recente separação da Paróquia da SS. Trindade de Recife, que abandonou a diocese como filha pródiga e mal agradecida. E quem duvida que as latentes manifestações divisivas do bispo de Recife não sinalizem na direção de uma futura divisão daquela pujante área eclesiástica? Não é este o lado do ódio e do desamor que julga, separa e condena?

Mas, por outro lado, temos o amor. E o exemplo clássico para ilustrar o amor é a parábola do bom samaritano. Esse amor, mesmo limitado e imperfeito, constitui o centro da vida cristã. Sem amor a casa cai. Acontece que em lugar de centralizar sua vida na prática do amor, os cristãos preferem endeusar as doutrinas e os credos. Embora sejam indispensáveis, as doutrinas e os credos não são mais do que pontos de referência. Infelizmente, a história tem mostrado que as doutrinas têm sido usadas para apoiar e justificar divisões e discriminações de toda ordem, inclusive na ordem religiosa; algumas até colocam os homossexuais e os aidéticos no limbo. Aqui podemos perceber uma clara distinção entre caridade e justiça. Caridade é uma questão de atitude pessoal, que se expressa nas esmolas que damos, na ajuda que fazemos a uma pessoa necessitada, ou seja, aqueles atos de bondade e amor que praticamos para aplacar a consciência culpada. Fico pensando se não foi isso que o bom samaritano fez. Afinal, ele era um viajante, um vendedor, um mascate. Não estaria ele reabilitando um futuro cliente? Justiça é uma questão de política pública. A caridade procura aliviar os efeitos da injustiça, enquanto a justiça procura eliminar as causas da injustiça. A caridade não afeta o status quo, enquanto a justiça conduz inevitavelmente a uma confrontação política. Ao longo de sua história, a Igreja tem privilegiado mais a caridade do que a justiça. Acho que é essa a crítica que Saramago faz ao Cristianismo e que é também a razão de seu confesso ateísmo.

* Oswaldo Kickhofel é presbítero aposentado da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil e autor de *Notas Para Uma História da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil* (1995) e *Catedral do Mediador*(2000), entre outros.



**Publicado pelo Departamento de Comunicação
da Secretaria-Geral da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil**
Caixa Postal 11.510 - Teresópolis - 90870-970 - PORTO ALEGRE - RS
FONE/FAX: (51) 3318.6200
e-mail: comunicacao@ieab.org.br
www.ieab.org.br
